

## A arte a serviço da Agroecologia

Iniciativa no Sertão do Araripe de Pernambuco leva oficinas de poesias a escolas públicas, valorizando a agroecologia como expressão do povo

Por **Kátia Rejane**

No Araripe de Pernambuco, a arte pulsa em diversas expressões, seja na música, na poesia ou em outros formatos. E foi com o olhar pra essa dinâmica que surgiu o Projeto Jovem Aprendiz, iniciativa do CAATINGA, em conjunto com artistas locais. A proposta nasceu da iniciativa de mestres cordelistas de Ouricuri, ao realizar, no mês de agosto, a Semana do Folclore e o Circuito Estudantil de Poesias, que promove recitais nas escolas públicas, como forma de encantar crianças e adolescentes pela literatura de cordel.

Ao passar dos anos, os mestres cordelistas sentiram a necessidade de oferecer mais aos estudantes e expandir para outros municípios do território a proposta, assim cresceu a ideia de realizar oficinas de literatura de cordel. Os poetas e poetisas já eram parceiros do CAATINGA, que realiza atividades lúdicas e educativas nas comunidades rurais e, dessa forma, uniram-se na proposta aprovada em edital público do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (Funcultura PE).

O projeto tem duração de um ano, segue até agosto de 2019, envolve quatro mestres cordelistas, em cinco municípios do Araripe, contemplando 15 escolas estaduais e municipais, do campo e da cidade, e com a participação de 375 estudantes, entre crianças e adolescentes, nas atividades e oficinas. A expectativa é de que, ao final do projeto, estejam formados mais ter poetas e poetisas, amantes da literatura de cordel, defendendo a cultura popular nordestina e expandindo o conhecimento construído no decorrer do projeto.

“Para mim o projeto tem uma grandeza ímpar em transmitir os roteiros que compõe o fazer do poeta popular nordestino. As crianças e jovens podem assim beber na fonte que ajudou a criar o imaginário do Nordeste, pois boa parte da nossa história vem também sendo contada pelos versos da Literatura de Cordel. Nessa troca, as crianças e jovens têm contato com a arte através dos poetas e esse intercâmbio traz benefícios para vida dos estudantes, mas também dos artistas”, afirma o mestre cordelista Júnior Baladeira.

Para o CAATINGA, é na valorização da cultura popular que está o fortalecimento da identidade do povo do Semiárido, reconhecendo a agricultura familiar como atividade produtiva de valor econômico, social e cultural e a agroecologia como uma forma de vida, viável, sustentável, justa e digna.

CAATINGA/Kátia Rejane



Ação envolve crianças e adolescentes no encontro com a arte



### Convidamos você a contribuir com nosso trabalho

O CAATINGA trabalha há 30 anos com famílias agricultoras, no Sertão do Araripe de Pernambuco, e junto com elas tem experimentado formas de conviver de forma digna e sustentável na região. Vamos fazer uma corrente pela convivência digna com o Semiárido?

Para doar, faça sua doação através de depósito na conta:

Banco do Brasil | Agência: 2371-x | C/C 2004-4

Ou doe através do nosso site: [www.caatinga.org.br/doacoes](http://www.caatinga.org.br/doacoes)

## PROGRAMA AGRICULTURA FAMILIAR EM DEBATE

TODOS OS SÁBADOS DAS 7h ÀS 8h

Rádio VP FM 100,9 - no Sertão do Araripe

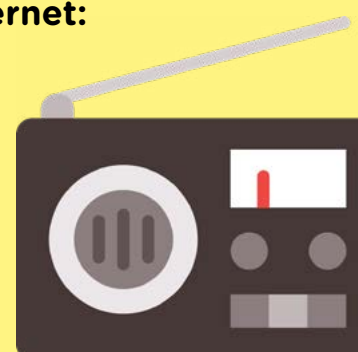
Ouçá também pela internet:

<https://bit.ly/2HxeMMV>

Participe conosco:

87 3874.1080

99937.0052



# MATUTANDO

MATUTANDO | ABRIL • MAIO 2019

## SERTÃO, UM LUGAR BOM DE SE VIVER

Cáritas Suíça/ Luca Zanetti



Há mais de 30 anos, iniciamos uma caminhada de valorização do Semiárido, semeando uma vida digna. Trilhamos a agroecologia e o fortalecimento da agricultura familiar como um caminho. Frutos surgiram dessa caminhada, mas lutas ainda estão em curso. O Semiárido diz nenhum direito a menos!

### DESTAQUES

Cáritas Suíça/ Luca Zanetti



#### TERRITÓRIOS AGROECOLÓGICOS

Em entrevista, Giovane Xenofonte, do CAATINGA, fala sobre o atual momento da agroecologia no Brasil e os desafios que estão colocados.

Pág. 03

ASA/ Ana Lira



#### EDUCAÇÃO É DIREITO

Comunidades rurais no Sertão do Araripe estão mobilizadas contra o fechamento de escolas, reafirmando que educação não é mercadoria.

Pág. 07

SIGA O CAATINGA NAS REDES SOCIAIS



@caatingaong



@caatingaong



@caatingaong

APOIO  
**CARITAS**  
Schweiz  
Suisse  
Svizzera  
Svizra



## CAATINGA há 30 anos Semeando Vida Digna no Semiárido

Já faz algum tempo que não dá mais pra contar os anos do CAATINGA nos dedos das mãos. Nossa trajetória de contribuição para uma vida digna no Semiárido completou três décadas em 2018. Mas a semente foi lançada nas terras secas do Sertão do Araripe dois anos antes, com a instalação do CTA – Centro de Tecnologias Alternativas, em Ouricuri, em 1986, por iniciativa de um grupo de militantes da Rede PTA – Projeto de Tecnologias Alternativas, junto com agricultores e agricultoras ligados/as aos movimentos sociais de base.

No Araripe, assim como em todo Semiárido, predominava a lógica do combate à seca, que aumentava as desigualdades sociais, com concentração de riquezas. Mas foi naquele período que a esperança se renovou, com o a redemocratização do país. Enquanto CTA, os primeiros passos já davam um sinal de que surgia ali uma luz e uma esperança, quando buscava fincar suas raízes no conhecimento, na resistência e na fé das comunidades eclesiais, dos sindicatos rurais e no saber e compromisso de mulheres e homens do campo que, junto com os conhecimentos de técnicos/as, traziam consigo uma certeza em comum: o problema do Semiárido não é a seca, mas a falta de uma ação ampla e conjunta que ajude o povo forte a consolidar e massificar a cultura da convivência digna e sustentável com a região.

Com um pé nas bases, junto às famílias, suas organizações e movimentos sociais e o outro pé no mundo

das articulações e redes como a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), que contribuimos com a fundação em 1999; a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), em que o CAATINGA também está desde a fundação em 2002; a Rede ATER de Agroecologia do Nordeste, criada em 2003; a Rede de Agricultores/as Experimentadores/as do Araripe, consolidada em 2015, entre outras articulações e parcerias que fortalecem a participação e incidência na construção de políticas públicas adequadas à realidade e necessidade dos/as trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade.

Nesses 30 anos, passamos por vários momentos de expansão do trabalho e avanços, mas também grandes desafios. Quando alcançamos a certeza do caminho para a convivência digna com o Semiárido, aparecem novas e assustadoras ameaças. As mudanças climáticas e a crise institucional e política, que se instalam no país e no mundo, nos colocam em estado de alerta e insegurança. Mas também nos animam e nos desafiam à resistência.

O sentimento mais profundo neste momento é de agradecimento e irmandade com quem caminhamos juntos até aqui e queremos seguir em união pela manutenção e conquistas de mais direitos. Assim clamamos a todos e todas para atuarmos cada vez mais coletivamente por “nenhum direito a menos”.

**Viva o CAATINGA! Viva o povo forte do Semiárido!**

## EXPEDIENTE

O **Jornal Matutando** é uma publicação do **Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não Governamentais Alternativas (CAATINGA)**. Endereço: Av. Engenheiro Camacho, no 475, Renascença, Ouricuri/PE. CEP: 56200-000. E-mail: caatinga@caatinga.org.br | www.caatinga.org.br. **Produção:** Catarina de Angola e Kátia Rejane Lopes. **Revisão editorial:** Giovanna Xenofonte e Paulo Pedro de Carvalho. **Edição:** Catarina de Angola (DRT/PE 4477). **Diagramação:** Rodrigo Sarmiento. **Impressão:** Gráfica Provisual. **Tiragem:** 2.500 exemplares.

## MOBILIZAÇÃO

### Educação é direito e não mercadoria

*Comunidades rurais no Sertão do Araripe estão mobilizadas contra o fechamento de escolas*

Por **Irlânia Fernandes**

O anúncio e fechamento de escolas em áreas rurais no Brasil não para de crescer, e a educação contextualizada está cada vez mais ameaçada. Dados da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) afirmam que cerca de 30 mil escolas rurais no país deixaram de funcionar de 2002 até o primeiro semestre de 2017. No território do Araripe, no Sertão de Pernambuco, já são mais de 150 escolas rurais fechadas. Esses dados contradizem a Lei de Diretrizes de Base Nacional da Educação nº 9394/1996 e o Estatuto da Criança e do Adolescente que asseguram que crianças e adolescentes devem ter acesso à escola mais próxima de sua residência.

Cáritys Suíça/ Luca Zanetti



*A educação contextualizada valoriza os saberes locais*

A escola do campo valoriza a história, a vida, a produção e a cultura das comunidades. Quando próxima das casas das famílias, dá condições aos pais e mães acompanharem a educação dos seus filhos/as, além de ajudar a diminuir a evasão e reprovação escolar. É nesse contexto que há luta e resistência contra o fechamento de escolas do campo, encampada por comunidades rurais, organizações e movimentos sociais que buscam o debate sobre a educação do campo com o conjunto da sociedade.

Nessa caminhada, o CAATINGA, que há 30 anos já se somava a comunidades rurais e movimentos sociais por uma educação de qualidade no campo, executou o Programa Cisternas nas Escolas, da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), iniciativa de fortalecimento e universalização do acesso à água de qualidade nas escolas rurais. A professora Jucilene, que atua em Parnamirim, a chegada da cisterna escolar foi importante. “Todo esse processo contribuiu com a forma de trabalhar contextualizado na sala de aula. Os benefícios que chegam

com a cisterna são também de aproximação das famílias no desenvolvimento das atividades. E aprendemos mais a trabalhar as questões do Semiárido, com os encontros, as visitas, percebemos outras formas de trabalhar as aulas. Foi muito gratificante”, conta.

Para a professora Kátia Viana, da Escola Pedro Teles, no Povoado de Passagem de Pedras, em Ouricuri, a chegada do CAATINGA e do Instituto Federal do Sertão “contribuiu para que a escola não fosse fechada. Além disso, o processo de construção do Plano Político Pedagógico da escola, com a participação dos pais, mães e moradores do povoado, nos trouxe outro olhar sobre o jeito de construir aprendizados. Hoje a escola alcançou o melhor Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), entre as escolas do município”, afirma.

Relatos e partilhas de experiências vivenciadas no âmbito das redes e articulações da sociedade civil expressam as histórias de diversas comunidades escolares que estão articuladas, protagonizando a luta contra o fechamento das escolas. Reuniões têm sido realizadas, documentos construídos e comissões formadas com representações de pais, mães, educandos/as, lideranças e professores/as, para estabelecimento de diálogos e encaminhamento das normas da educação do campo junto ao Ministério Público, Secretarias Municipais de Educação, Gerências Regionais de Educação e Conselhos Municipais de Educação.

CAATINGA



*A cisterna nas escolas rurais garante água o ano todo*



## PROJETO

## Reutilizar para agroflorestar

Ação de tratamento e reutilização de águas cinzas alimenta agroflorestas na região semiárida  
Por **Catarina de Angola**

Cáritas Suíça/ Luca Zanetti



Sistemas de reuso de águas cinza (RAC) e sistemas agroflorestais (SAFs) estão sendo implantados

Há cerca de um ano, uma iniciativa pioneira em Pernambuco iniciou no Semiárido do estado. A partir do projeto “Terra de Vidas: sistemas agroflorestais e de reuso de água cinza para conviver com o semiárido e enfrentar as mudanças do clima”, ação das organizações CAATINGA e Centro Sabiá, com apoio da Cáritas Suíça, está sendo implantada nos territórios do Sertão do Araripe e do Pajeú de Pernambuco com sistemas de reuso de águas cinza (RAC) e sistemas agroflorestais (SAFs), em cinco municípios e 13 comunidades rurais.

O projeto é desenvolvido junto a cem famílias agricultoras, inseridas em áreas susceptíveis à desertificação, que tem como prioridade básica a garantia de água tanto para o consumo humano e o consumo animal, como para uso doméstico e produtivo. O sistema de reuso de água cinza (RAC) é um conjunto de equipamentos que fazem o reaproveitamento da água já utilizada na casa (água cinza) e que, após o processo, podem ser reutilizadas em diversas atividades produtivas.

A iniciativa, então, possibilita o tratamento e reutilização da água nos agroecossistemas familiares. E essa água contribui para a produção de alimentos, forragens para animais e recuperação de matas nativas com a produção em sistemas agroflorestais e plantio de mudas de espécies nativas. E a reutilização da água ainda possibilita a recuperação de áreas degradadas, contribuindo para a diminuição dos efeitos das mudanças do clima, e no combate à desertificação.

O projeto ainda com a parceria da Embrapa Semiárido e do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas no Semiárido (Neppas), da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UAST/UFRPE) que tem desenvolvido um estudo sobre a viabilidade dos sistemas de reuso nos SAFs.

“Ao manejarem essas tecnologias e praticarem com a agricultura, os agricultores e agricultoras percebem que, além das mudanças nas práticas de produção, é preciso mudança de vida seja nas relações sociais ou com a natureza”, explica Giovanna Xenofonte, do CAATINGA. Isso porque toda ação do projeto integra uma ação educativa e sensibilizadora baseada na convivência com o Semiárido. Reforçando a implantação de agroflorestas na região semiárida, contribuindo assim, também com a segurança alimentar e nutricional das famílias.

Cáritas Suíça/ Luca Zanetti



Projeto é executado no Sertão do Araripe e Pajeú de Pernambuco

## PROJETO

## Captar, armazenar e reaproveitar a água para convivência com o Semiárido

A agricultora Maria Diva e sua família utilizam tecnologias sociais no Semiárido  
Por **Kátia Rejane**

Cáritas Suíça/ Luca Zanetti

A dificuldade de água, em especial para produção de alimentos, sempre foi uma realidade enfrentada pela população do Semiárido. Mas, as tecnologias sociais surgiram como a alternativa para suprir essa necessidade e após os últimos anos de longa estiagem, há a necessidade de um maior número de tecnologias para captar e estocar a pouca água que tem caído, e reaproveitar a água usada se apresenta também como uma possibilidade interessante.

Essa possibilidade tem permitido a família de Maria Diva, que vive no Sítio Boa Fortuna, município de Ouricuri, Sertão do Araripe Pernambucano, ampliar a produção do quintal. A família composta por Maria Diva, o esposo, três filhas mulheres e seis filhos homens divide as atividades entre o roçado, a criação de animais e o quintal produtivo. No roçado, que fica em outro terreno da família, na Serra do Inácio, plantam mandioca, milho, feijão e sorgo. No terreno da casa, criam animais como galinhas, caprinos, ovinos e suínos. E produzem no quintal plantas medicinais, hortaliças e plantas frutíferas.

Cáritas Suíça/ Luca Zanetti



Implantação do Sistema de Reaproveitamento de Água Cinza (RAC)

A família está experimentando o plantio no Sistema Agroflorestal com foco na produção de alimentos para os animais e o sistema de Reaproveitamento de Água Cinza (RAC), cujo objetivo é filtrar a água utilizada para lavar louças, lavar roupas e no banho. Através de um filtro biológico, essa água passa pela filtragem, fica estocada em um tanque, de onde sai para as plantas. Maria Diva conta que sempre sofreu vendo a dificuldade em ter água, mas nunca deixou seu quintal acabar.



Maria Diva é agricultora no Sertão do Araripe/PE

“A nossa dificuldade é a falta de água. Chegar o tempo de seca e ver as plantas morrendo é muito ruim, mas desde que o sistema foi implantado aqui minhas plantas não passaram mais sede, e acho que vai continuar assim”, conta a agricultora com um sorriso no rosto.

A implantação do sistema integra o projeto Terra de Vidas, executado no território pelo CAATINGA, e realizado em parceria com o Centro Sabiá e apoio da Cáritas Suíça. O que possibilita a família a ampliação da produção de alimentos para consumo e para os animais. “Minha esperança é que a nossa experiência com agrofloresta e reuso de água ajude outras pessoas ficarem mais sensíveis e assim diminuir a quantidade de desmatamento, queimadas e uso de veneno, e para as pessoas que moram na cidade pensem bem antes de desperdiçar a água, que é um bem precioso”, conta Maria Diva.

## MUDANÇA

## Amor à educação é caminho para a transformação

Vivência da educação contextualizada para a convivência com o Semiárido muda vida de escola no Araripe de Pernambuco  
Por **Kátia Rejane**

A Escola Municipal Josefa Cândida de Jesus, localizada no bairro Wilson Moreira Saraiva, município de Exu, Sertão do Araripe de Pernambuco, era vista com uma escola de grandes desafios para educadores e educadoras, a ponto de alguns profissionais terem resistência para trabalhar na escola. A violência contra os profissionais da educação era muito presente no ambiente escolar, a comunidade não tinha um sentimento de pertença à escola e nem a escola à comunidade, não havia interação.

CAATINGA/ Kátia Rejane



Vera Lúcia é educadora há 30 anos

Em 2018, as coisas começam a mudar com a chegada da professora Vera Lúcia, educadora há 30 anos. Vera havia participado das oficinas de educação contextualizada, quando a escola recebeu o Programa Cisternas nas Escolas, da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), através da ONG CAATINGA, e se apaixonou pela educação contextualizada para a convivência com o Semiárido. Junto com as demais educadoras de Tabocas, resgataram a história do distrito, reinauguraram a feira livre, que era espaço de comercialização antigo, mas que estava desativado. Assim, a professora Vera se tornou uma entusiasta e referência no território do Araripe em educação contextualizada.

“Para mim, o mais chocante foi o primeiro dia de aula nessa escola, quando pais e mães chegavam para deixar seus filhos e já chegavam brigando. As pessoas não desejavam bom dia umas às outras, e quando alguém dizia bom dia, ninguém respondia, isso me chocou bastante”, conta Vera, emocionada em lembrar da experiência.

A professora assumiu a função de coordenadora pedagógica e foi em busca de solução para a situação, buscou psicólogos,

conversou com o corpo docente da escola, com a Secretaria Municipal de Educação. Mas o ato mais revolucionário, foi se colocar todos os dias na porta da escola para desejar bom dia a todas as pessoas que entravam e oferecer um abraço às que permitiam ser abraçadas. Essa atitude foi modificando a forma como as pessoas da comunidade tratavam a escola.

Dias após o início das aulas, em cada turma as professoras selecionaram estudantes que tinham mais dificuldade na aprendizagem e eram mais “indisciplinados”. Em um horário fora do horário da aula convidaram alunos e alunas e suas famílias para uma atividade na escola, a sala para recebê-los foi ornamentada com objetos do dia a dia daquelas famílias, trazendo elementos que marcam a história da comunidade e do município (maquete de engenho de cana de açúcar, trabalhadores moendo a cana, carroças carregando água). A chegada das pessoas na sala já mostrava que elas se reconheciam naquele ambiente, que fazia parte do dia a dia delas, ou fizeram parte de suas infâncias, e de alguma forma aqueles eram os elementos pedagógicos de suas vidas.

CAATINGA/ Kátia Rejane



Atividades de educação contextualizada

A primeira atividade proposta pela escola foi que cada adulto da família contasse sua história às crianças, sobre as dificuldades e conquistas. A partir daquele dia tudo começou a mudar, as crianças passaram a produzir, a interagir, a conviver melhor com colegas e educadores e educadoras. O resgate da cultura foi um ponto fundamental para a transformação. A Secretaria Municipal de Educação pretende adotar a educação contextualizada para convivência com o Semiárido em todo o município de Exu e conta com a colaboração da professora Vera Lúcia, que diz sentir uma enorme vontade de ver esse sonho se tornar realidade.

## ENTREVISTA

## “Temos o desafio de nos manter articulados e ampliar redes de vivência agroecológica nos territórios”

Em conversa, Giovanne Xenofonte, da coordenação do CAATINGA, fala sobre o contexto e agroecologia no Brasil

Por **Catarina de Angola**

Muitos desafios estão colocados para o Brasil e todo o mundo no contexto atual. No momento em que o país vive mudanças radicais na condução de suas políticas, o movimento agroecológico se articula e consolida cada vez mais a defesa da agricultura familiar e das populações tradicionais e a valorização dos territórios. Conversamos com Giovanne Xenofonte, integrante da coordenação do CAATINGA, sobre esse atual momento.

**- No Brasil, no atual contexto, que desafios estão colocados para as organizações e movimentos que atuam com a agroecologia?**

**Giovanne Xenofonte** - Temos vários desafios e um deles é manter os espaços e articulações que foram constituídos ao longo da trajetória de construção da agroecologia no Brasil. A gente sempre afirmou que a agroecologia se fundamenta e se fortalece também nas experiências vividas pelas famílias agricultoras, e são essas experiências que apontam os caminhos e dão as luzes para a construção de propostas de políticas públicas. Temos o desafio de nos manter articulados e ampliar a rede de vivência agroecológica nos nossos territórios, afirmando a agroecologia como uma proposta viável e possível para a agricultura brasileira

**- Por que é importante que a defesa da democracia e da agroecologia seja feita de forma conjunta e constante?**

**Giovanne** - Quando a gente fala de agroecologia, normalmente, se remete a ideia de produção de alimentos, isso, de fato, é verdade porque a agroecologia tem sua capacidade de produção de alimentos já amplamente demonstrada e comprovada. Mais do que a produção de alimentos livres de agrotóxicos e de danos ao meio ambiente, é também uma produção que respeita as relações com a natureza, entre a sociedade, é uma produção que procura, inclusive, dar visibilidade aqueles sujeitos que historicamente foram invisibilizados. A meu ver, a agroecologia e a democracia andam juntas porque a agroecologia, ao longo desses anos, foi o que, sem dúvida, conseguiu construir processos democráticos de construção coletiva de conhecimento, de tomada de decisões, de participação.

CAATINGA/ Hércules Félix



Giovanne Xenofonte integra a coordenação do CAATINGA

**- A agroecologia valoriza fortemente os territórios e seus povos, modos de vida, valores. No Sertão do Araripe de Pernambuco, como a agroecologia tem contribuído para o desenvolvimento do território?**

**Giovanne** - No território do Araripe, hoje temos um conjunto de famílias que estão produzindo com base na transição agroecológica. Essas famílias, seguindo os preceitos da agroecologia e convivência com o Semiárido, têm mostrado que é possível produzir e viver bem no nosso território, mesmo com todas as adversidades climáticas impostas para quem vive na região. Estamos falando de experiências que têm superado, com mais desenvoltura, sete anos consecutivos de seca. Com essas famílias que o CAATINGA assessora, anualmente temos realizado pesquisas, para termos dimensão de como estão enfrentando esse período de escassez de chuva e se organizando para produzir. Mesmo sendo um período atípico, talvez a maior seca da história do Semiárido, a gente consegue visualizar famílias produzindo e consumindo alimentos de boa qualidade, e conseguindo uma renda monetária com a venda desses alimentos. A batalha é sempre para que a renda da família e a alimentação sejam ampliadas.